

A presença da literatura brasileira no exterior e a importância do agenciamento: uma análise guiada por conceitos da sociologia de Pierre Bourdieu

The presence of Brazilian literature abroad and the importance of agency: an analysis based on concepts of Pierre Bourdieu's sociology

Lenita Maria Rimoli Esteves

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo / Brasil

lenitaesteves@usp.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar como a literatura brasileira tem sido recebida no exterior, com um enfoque especial no mundo de língua inglesa. Partindo do pressuposto de que a presença de nossa literatura em outros países não é muito expressiva, em primeiro lugar serão tecidas breves considerações sobre os principais motivos dessa configuração. Em seguida serão observadas situações em que indivíduos ou instituições, movidos muitas vezes por razões políticas, trabalharam na divulgação da literatura brasileira e de literaturas latino-americanas em outros países. Também serão averiguados casos em que indivíduos partem principalmente de uma motivação pessoal para divulgar literatura aqui produzida. Casos em que agências e organismos governamentais trabalham para essa divulgação serão analisados na sequência. O estudo parte dos Estudos da Tradução, baseando-se mais especificamente numa vertente que, na área, vem sendo chamada de Sociologia da Tradução, e que adota conceitos da sociologia de Pierre Bourdieu. Os conceitos

em questão são quatro: *capital*, *campo*, *habitus* e *illusio*. Na parte final do trabalho serão apresentadas diferentes recepções da obra de Clarice Lispector no exterior, cada uma baseada em projetos de indivíduos ou grupos que seguiram suas convicções pessoais e agendas profissionais. A principal ideia a ser comunicada é a de que a divulgação de uma literatura como a brasileira em países que têm um sistema literário hegemônico (como é o caso dos países do Primeiro Mundo) é um processo muito mais complexo e intrincado do que se poderia pensar a princípio, e que são fundamentais os esforços de “agentes” ou “embaixadores” nesses processos.

Palavras-chave: literatura brasileira traduzida; Sociologia da Tradução; Pierre Bourdieu; Clarice Lispector.

Abstract: This paper aims at analyzing how Brazilian literature has been received abroad, with a special emphasis on the English speaking world. Based on the hypothesis that the presence of Brazilian literature in other countries is not very expressive, we will make some brief considerations about the main reasons for this configuration. The next step will be to analyze situations in which individuals or institutions, moved by political reasons, have worked in the dissemination of Brazilian and Latin American literatures in other countries. The paper also presents cases in which individuals have mainly a personal motivation for working as agents in this dissemination. Cases in which governmental agencies and institutions work for the promotion of our literature in other languages will also be presented. The study is developed in the perspective of Translation Studies, more specifically of a trend in the area that has lately been called “Sociology of Translation”, which adopts some concepts of Pierre Bourdieu’s sociology. Such concepts are, specifically: *capital*, *field*, *habitus* and *illusio*. The last part of the paper presents different receptions of Clarice Lispector’s work, each one based on projects of individuals or groups that followed their personal opinions and professional agendas. The main idea to be communicated is that the diffusion of a product such as Brazilian literature in countries that have a hegemonic literary system (as is the case with First World countries) is a much more complex and intricate process than one might suppose at first, and that the action of “agents” or “ambassadors” in these processes is of fundamental importance.

Keywords: translated brazilian literature; Sociology of Translation; Pierre Bourdieu; Clarice Lispector.

Recebido em 1 de março de 2016.

Aprovado em 20 de maio de 2016.

1 Algumas considerações sobre a presença da literatura brasileira no mundo de língua inglesa

Sabe-se que a literatura brasileira tem pouca representatividade no exterior, e no caso dos países de língua inglesa a presença brasileira é menor ainda. Esse fato tem algumas razões óbvias, entre elas a pequena popularidade da língua portuguesa nos países estrangeiros, a posição periférica do Brasil no sistema internacional de capital e cultura e a distância entre o Brasil e os países do que se considera ser o “Primeiro Mundo”.

Outro fator que dificulta a circulação da literatura brasileira no exterior são os “rivais internos” do Brasil, dentre os quais o mais importante é, sem dúvida, a nossa música popular, que tem circulação muito maior nos países estrangeiros do que a nossa literatura. Além da música, temos uma série de clichês culturais que insistem em nos definir aos olhos do estrangeiro. Nenhuma outra nação da América Latina tem tantos clichês associados a ela.¹ Esses lugares comuns proporcionam certa visibilidade, mas, ao mesmo tempo, tornam invisíveis vários de nossos outros traços. Entre os vários estereótipos associados ao Brasil, podemos citar o Carnaval, a beleza física e a sensualidade, a natureza exuberante e o futebol. Há diversos livros sobre esses aspectos brasileiros que, de certa maneira, competem com as obras especificamente literárias no mercado internacional.

¹ Quem me chamou a atenção para esse fato “óbvio” foi Liz Calder, atual proprietária da editora Full Circle e ex-diretora da Bloomsbury – a editora inglesa que mais tem lançado livros brasileiros nos últimos anos –, em entrevista concedida a mim em sua casa, em Saxmundham, Reino Unido, no dia 21 de novembro de 2013.

A divulgação de uma literatura estrangeira em determinado país depende de apoio institucional e financeiro para a tradução das obras, a produção física dos livros e para atividades de intercâmbio entre autores, tradutores e editores das culturas fonte e alvo. Além disso, é fundamental que haja continuidade nos esforços empreendidos. Discorreremos, a seguir, sobre diferentes tipos de agenciamento que foram, em determinadas épocas, fatores de fundamental importância para a divulgação da literatura brasileira no exterior e, especificamente, nos países de língua inglesa. Antes, porém, será preciso esclarecer qual abordagem teórica orientará este trabalho.

2 Aporte teórico

No campo dos Estudos da Tradução, a década de 1980 trouxe uma mudança de paradigma, que motivou os pesquisadores a ampliar seu foco de investigação, levando em conta o contexto cultural e social em que as traduções são feitas e deixando de se concentrar unicamente nos textos em si (BASSNET; LEFEVERE, 1990; GENTZLER, 2001; TYMOCZKO, 2007). Uma das propostas teóricas que surgiram nessa época foi a teoria dos polissistemas, representada por autores como Itamar Even-Zohar e Gideon Toury. Essa abordagem trabalha com o conceito de normas, que seriam específicas de cada comunidade ou grupo de comunidades. A partir das normas, julga-se que é possível prever as condições nas quais as traduções poderiam acontecer e que tipo de estratégias os tradutores poderiam empregar (BASSNETT, 2002, p. 7; cf. TOURY, 1995). Isso acabou levando à proposta dos Descriptive Translation Studies – DST, ou Estudos Descritivos da Tradução, que se opõem aos estudos *prescritivos*, que seriam abordagens que se propõem a ditar modos de bem traduzir.

Alguns estudiosos, no entanto, achavam que a teoria dos polissistemas dava muita ênfase às estruturas sociais e pouca atenção à pessoa do tradutor, reduzindo esse profissional a um cumpridor de tarefas que repete o que as normas ditam e não tem um papel ativo no desenvolvimento de seu trabalho. Daniel Simeoni, em “The pivotal status of the translator’s habitus”, advoga em favor de uma expansão da teoria dos polissistemas regidos por normas, para que se insira nela o conceito de *habitus*, como proposto pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Dessa forma, torna-se possível ir além das normas para explorar a questão do agenciamento:

As normas têm preponderância. Os tradutores frequentemente aderem a elas. Eles podem não gostar disso, e talvez muitas vezes tenham o desejo de poder se distanciar mais delas, mas eles reconhecem seu poder. Entretanto, como o processo é muito semelhante em todos os setores da sociedade governada por normas, isto é, em praticamente todas as áreas, a questão do agenciamento por trás das normas em geral e por trás das normas tradutórias em particular suscita uma questão (SIMEONI, 1998, p. 6).²

Há várias formulações do conceito de *habitus*, feitas pelo próprio Bourdieu. Uma das mais recentes, que é frequentemente citada, é a seguinte:

[...] um sistema de disposições duradouras e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios que geram e organizam práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas a seus resultados sem a pressuposição de um direcionamento consciente para os objetivos ou um domínio manifesto das operações necessárias para atingi-los (BOURDIEU, 1990 *apud* SWARTS, 1997, p. 100-101).³

Como esclarece Moira Inghilleri, “o *habitus* é o que permite que os agentes se sintam à vontade no mundo à medida que o mundo é

² “Norms have the upper hand. Translators adhere to them more often than not. They may not like this, and may often wish they could distance themselves more from them, but they recognize their power. However, since the process is very much the same in all sectors of society governed by norms, i.e. pretty much everywhere, the question of the agency behind norms in general and behind translational norms in particular, begs for an answer” (Tradução minha).

³ “[...] a system of durable, transposable dispositions, structured structures predisposed to function as structuring structures, that is, as principles which generate and organize practices and representations that can be objectively adapted to their outcomes without presupposing a conscious aiming at ends or an express mastery of the operations necessary in order to attain them” (Tradução minha).

‘incorporado’ neles” (INGHILLERI, 2005, p.135).⁴ Há outros conceitos da teoria de Bourdieu que estão intimamente ligados ao conceito de *habitus*. Os “campos” podem ser definidos como áreas onde as atividades acontecem. Como explica David Swartz: “as práticas ocorrem em arenas estruturadas de conflito chamadas ‘campos’” (SWARTS, 1997, p. 9).⁵ O conceito de *capital* na teoria bourdieusiana é estendido a todas as formas de poder, sejam elas materiais, culturais, sociais ou simbólicas. São recursos de que se valem os indivíduos para conquistar e manter posições de poder em determinado campo.

Como se pode perceber no trecho a seguir esses conceitos estão intimamente ligados:

[Os campos são] áreas de atividade historicamente construídas com suas instituições específicas e suas próprias leis de funcionamento. A existência de campos especializados e relativamente autônomos é correlativa à existência de interesses e investimentos específicos; por meio dos interesses inseparavelmente econômicos e psicológicos que eles despertam em agentes dotados de um certo *habitus*, o campo e seus investimentos (eles próprios produzidos como tais por relações e conflitos de poder a fim de transformar as relações de poder que são constitutivas do campo) produzem investimentos de tempo, dinheiro, trabalho, etc. (eu notaria de passagem que existem tantas formas de trabalho quanto existem campos e devemos ser capazes de considerar as atividades sociais do aristocrata ou as atividades religiosas do sacerdote ou rabino como formas específicas de trabalho orientadas para preservar ou aumentar certas formas de capital) (BOURDIEU, 1990, p. 87-88).⁶

⁴ “The habitus is what enables agents to feel at home in the world as the world is “embodied” in them” (Tradução minha).

⁵ “Practices occur in structured arenas of conflict called *fields*” (Tradução minha).

⁶ “[Fields are] historically constituted areas of activity with their specific institutions and own laws of functioning. The existence of specialized and relatively autonomous fields is correlative with the existence of special stakes and interests; via the inseparably economic and psychological investments that they arouse in agents endowed with a certain habitus, the field and its stakes (themselves produced as such by power relations

Esse interesse a que se refere Bourdieu se liga ao conceito de *illusio* (que se origina de *ludos*, “jogo” em latim). É preciso que os jogadores acreditem no jogo e se interessem por ele para que as regras de como entrar no jogo e como jogá-lo sejam seguidas sem nenhum questionamento. Temos então quatro conceitos principais – *habitus*, *campo*, *capital* e *illusio* – que estão intimamente ligados.⁷ E esses conceitos são de grande valia para a argumentação que proporei em seguida, segundo a qual uma análise dos esforços para aumentar a visibilidade da literatura brasileira no mundo de língua inglesa se beneficiará de uma abordagem baseada no conceito de *agentes* ou *intermediadores culturais*. Esses agentes podem ser indivíduos ou instituições, como veremos mais adiante, e suas motivações podem ser muito variadas. Este trabalho partilha da opinião de Moira Inghilleri, quando essa autora afirma que:

em particular, a teorização do social feita por Bourdieu sugere que os atos de tradução e interpretação devem ser entendidos por meio das práticas sociais e campos relevantes em que são constituídos, que eles devem ser considerados como funções de relações sociais baseadas em formas concorrentes de capital ligadas a relações locais/globais de poder, e que os tradutores e intérpretes, por meio dos funcionamentos do *habitus* e da *illusio*, devem ser considerados simultaneamente como implicados nas formas de prática nas quais se envolvem e capazes de transformá-las. Dessa forma, Bourdieu oferece uma sólida

and struggle in order to transform the power relations that are constitutive of the field) produce investments of time, money, work, etc. (I would note in passing that there are as many forms of work as there are fields and you have to be able to consider the society activities of the aristocrat, the religious activities of the priest or the rabbi as specific forms of work oriented towards preserving and increasing specific forms of capital)” (Tradução minha).

⁷ Jean-Marc Gouanvic (2005, p. 148) critica o trabalho de Simeoni (1998) por considerar apenas o conceito de *habitus* em sua proposta de enriquecer a teoria dos polissistemas com a sociologia bourdieusiana. Na opinião desse autor, as noções centrais de *campo*, *habitus*, *capital* e *illusio* estão intrinsecamente entretecidas, de forma que nenhuma delas pode ser definida sem que se recorra às outras. A teoria de ação cultural de Bourdieu é, dessa forma, uma sociologia da instituição, mas também de seus agentes.

teoria da prática para o um paradigma sociológico que se desenvolve nos estudos da tradução e da interpretação – e um substancial lembrete da relevância social e da responsabilidade envolvidas tanto na pesquisa quanto na prática nesse campo (INGHILLERI, 2005, p. 143).⁸

Dessa forma, veremos como esses agentes culturais (tradutores, editores, professores universitários, editoras, agências governamentais, entre outros) simultaneamente condicionam e são condicionados pelo *habitus* em vigor em seu(s) campo(s) de ação.

3 O início da história

O primeiro estudo abrangente sobre obras literárias brasileiras traduzidas para o inglês e publicadas no mundo anglófono foi realizado pela professora Heloísa Barbosa e publicado como uma tese de doutorado em 1994. Barbosa (1994b) lista 164 obras de ficção publicadas em 108 anos (entre 1886 e 1994). O primeiro romance publicado em inglês foi *Iracema*, de José de Alencar, traduzido por Isabel Burton, esposa do explorador britânico Richard Francis Burton. Se alinharmos o número de traduções publicadas (164) e o período de tempo correspondente (108 anos) chegaremos à conclusão de que cerca de 1,5 livro foi traduzido por ano (BARBOSA, 1994b, p. 17). Mas de acordo com a autora, foi apenas na década de 1940 que ocorreu o que pode ser classificado como um genuíno esforço de tradução:

⁸ “[...] Bourdieu’s theorization of the social suggests that acts of translation and interpreting be understood through the social practices and relevant fields in which they are constituted, that they be viewed as functions of social relations based on competing forms of capital tied to local/global relations of power, and that translators and interpreters, through the workings of the *habitus* and *illusio*, be seen as both implicated in and able to transform the forms of practice in which they engage. In this way, Bourdieu offers a sound theory of practice to the developing sociological paradigm in translation and interpreting studies – and a solid reminder of the social relevance and responsibility involved in both research and practice in the field” (Tradução minha).

Nenhuma obra foi traduzida antes de 1886, e então três livros foram traduzidos antes do final daquele século. Nas duas primeiras décadas do século XX, nenhuma obra foi traduzida. Quatro obras foram traduzidas na década de 1920 e três na década de 1930. Esse número triplicou na década de 1940, atingindo a marca dos 12 livros, mas caiu para nove nos anos 1950. Esse valor quase triplicou, chegando a 26, nos anos 1960; elevou-se ainda para 39 na década de 1970 e atingiu seu pico (56) na década de 1980. Dezesete trabalhos foram traduzidos durante os primeiros quatro anos da presente década [1990], o que representa menos que o número de obras publicadas durante os primeiros quatro anos das décadas de 1970 e 1980 (BARBOSA, 1994b, p. 18-19).⁹

Fatores econômicos são decisivos na determinação do número de obras brasileiras traduzidas para o inglês, bem como de quais serão as nações a receber essas obras. A análise de Barbosa (1994b) mostra que obras literárias brasileiras foram publicadas tanto nos EUA quanto no Reino Unido nas primeiras décadas do século XX. Entretanto, após uma mudança no cenário político internacional, os Estados Unidos sobrepuseram o Reino Unido no que se refere ao volume de investimentos feitos no Brasil. Em virtude dessa mudança, a maioria das obras brasileiras passou a ser publicada principalmente nos EUA (BARBOSA, 1994b, p. 33).

⁹ “No works were translated until 1886, and then three works were translated before the end of the century. In the first two decades of the twentieth century no works were translated. Four works were translated in the 1920s and three in the 1930s. This number tripled in the 1940s, reaching twelve, only to drop down to nine in the 1950s. This figure almost tripled, to twenty-six, in the 1960s; increased to thirty-nine in the 1970s; and reached its peak of fifty-six in the 1980s. Seventeen works have been translated so far in the present decade, which is fewer than the number of works translated during the first four years of either the 1970s or 1980s” (Tradução minha).

4 O capital econômico como instrumento estratégico no campo político

Durante as décadas de 1940 e 1950, houve um aumento do interesse dos Estados Unidos em traduzir obras literárias brasileiras. Isso se deveu, como se poderia esperar, a motivos econômicos e políticos. O presidente Getúlio Vargas havia conseguido, até certa altura, manter relações comerciais tanto com os Estados Unidos (seu principal parceiro) quanto com a Alemanha. Depois da crise de 1929, os Estados Unidos passaram a importar menos produtos do Brasil, e o governo brasileiro voltou-se para a Alemanha. Além disso, após 1933 o algodão cru brasileiro chegou aos mercados britânicos e alemães. Devido a esse fato, entre 1934 e 1950 a influência americana sobre o comércio internacional brasileiro diminuiu em relação à da Alemanha. Mas o presidente Getúlio Vargas foi forçado a decidir entre os dois países. Como explica Barbosa (1994b, p. 34):

Colocando os Estados Unidos e a Alemanha um contra o outro, Vargas conquistou para o Brasil o máximo de vantagens possível de ambos os países. Entretanto, como o bloqueio britânico impedia o comércio com a Alemanha, Vargas voltou-se mais uma vez para os Estados Unidos. Não obstante, ele foi astuto e só declarou sua lealdade aos EUA quando o presidente Franklin D. Roosevelt prometeu financiar a construção de uma refinaria de aço (em Volta Redonda) em retribuição pelo uso das bases aéreas e marítimas no Brasil. Vargas também obteve promessa de apoio financeiro, por parte do Banco de Exportação e Importação dos Estados Unidos, para a criação da Companhia Vale do Rio Doce, a empresa estatal de exportação de minério de ferro [...].¹⁰

¹⁰ “By playing the US and Germany against each other, Vargas obtained for Brazil as much advantage as he could from both powers. However, as the British blockade prevented commerce with Germany, Vargas again turned to the US. Nevertheless, he played his hand well, and did not give his allegiance until US President Franklin D. Roosevelt promised to fund the construction of a steel mill (at Volta Redonda) in return for the use of air and naval bases in Brazil. Vargas also obtained promises of funding from the US Export-Import Bank for the creation of Companhia Vale do Rio Doce, the Brazilian government-run iron ore export company (see Dulles 1969: 44, 47-48; and King 1990: 35)” (Tradução minha).

A essa altura, os Estados Unidos haviam definitivamente sido convencidos de que era importante ser um “bom vizinho do Brasil”. Em seu discurso de posse em 1933, o presidente Franklin Delano Roosevelt anunciou que dedicaria a nação à “política do bom vizinho”, o vizinho que absolutamente se respeita e, porque se lhe faz, respeita os direitos dos outros. Era o fim da política do “grande porrete” (“big stick” policy), baseada na intervenção armada, e o início da promoção de uma cooperação continental (TOOGE, 2009, p. 52-54).

Com esse fim, o presidente Roosevelt criou o Escritório de Coordenação das Relações Interamericanas (Office of the Coordinator of Inter-American Affairs – OCIAA) em agosto de 1940, nomeando Nelson Rockefeller como seu diretor. A função dessa instituição era divulgar notícias, filmes, propagandas e mensagens de rádio para a América Latina, com o intuito de fazer frente à propaganda política italiana e alemã nesses lugares.

A indústria do cinema foi um poderoso instrumento na promoção de uma relação positiva entre os Estados Unidos e a América Latina. Carmen Miranda foi um dos grandes ícones dessa época e, por mais de uma década, promoveu a amizade entre o Brasil e os EUA. Ao mesmo tempo, financiado pelo governo norte-americano, Walt Disney viajou para a América Latina e criou personagens latinos que apareciam junto com o Pato Donald em filmes que contavam histórias de uma camaradagem pan-americana (BARBOSA, 1994b, p. 37; TOOGE, 2009, p. 55). Houve também iniciativas na esfera cultural, com o governo americano financiando a ida de estudantes brasileiros para estudar nos EUA, bem como o intercâmbio de livros entre a América do Norte e a América Latina.

Em 1945, após o final da II Guerra, Roosevelt morreu e, com ele, a “política da boa vizinhança”. O Office of the Coordinator of Inter-American Affairs foi extinto em 1946 pelo presidente Henry Truman. Os Estados Unidos voltaram a concentrar suas atenções na Europa.

Barbosa (1994b) enfatiza que, apesar dos esforços do governo norte-americano, apenas 12 traduções foram publicadas na década de 1940. Na década seguinte, esse número caiu, com apenas nove obras literárias brasileiras tendo sido traduzidas. A autora supõe que essas traduções não tinham grande circulação fora dos meios acadêmicos. Foi só na década de 1960 que as obras brasileiras traduzidas para o inglês atingiram um público leitor mais amplo, criando certa independência em relação às universidades e editoras universitárias.

Uma segunda onda de interesse dos EUA na América Latina e no Brasil surgiu justamente na década de 1960. Com o advento da Guerra Fria e a ameaça comunista após a revolução cubana de 1961, o presidente Kennedy deu início à “Aliança para o Progresso”, a fim de estabelecer e fortalecer a cooperação econômica entre seu país e a América Latina. Essa iniciativa implicou vários compromissos por parte dos países latinos, tais como planos de desenvolvimento, metas de controle da inflação e a diminuição do analfabetismo, entre outros.

Em termos econômicos e sociais, era necessário convencer os latino-americanos dos encantos do *American way of life*. Deveria, também, haver uma contrapartida: era preciso convencer os EUA do charme latino. A tradução de obras literárias se tornou, mais uma vez, uma forma de familiarizar os cidadãos estadunidenses com seus vizinhos mais ao sul. Durante esse período, os departamentos de Estudos Latino-Americanos e as editoras universitárias passaram a publicar livros sobre o Brasil e sua cultura (BARBOSA, 1994b, p. 43-45; TOOGE, 2009, p. 86-87).

Como podemos observar, esses dois projetos estadunidenses (a “política da boa vizinhança” e a “Aliança para o Progresso”) tiveram motivações predominantemente políticas, envolveram investimentos econômicos e se deram no campo da cultura, com trocas de bens culturais entre os EUA e o Brasil, principalmente nas áreas da literatura e do cinema. É importante enfatizar, no entanto, a importância das pessoas, dos agentes culturais que, motivados pelos projetos mencionados, e muitas vezes patrocinados por eles, tiveram papel fundamental nessas trocas culturais.

5 A força do agenciamento individual

Em meio às disputas de poder e à busca de ascendência político-econômica sobre outros grupos (sejam eles nações ou classes profissionais – como professores, editores, cineastas, tradutores), como ocorreu com a influência dos EUA sobre o Brasil, em que mais houve uma recepção de produtos culturais estadunidenses no Brasil do que uma exportação de produtos culturais brasileiros para os EUA (afinal, quem estava financiando tudo eram os Estados Unidos), é preciso destacar a atuação do que chamaremos aqui de “agentes culturais”, indivíduos movidos por um interesse econômico ou por motivações pessoais (ou talvez por uma mistura das duas vertentes). O escritor Érico Veríssimo, os

editores Alfred e Blanche Knopf, o tradutor escocês Giovanni Pontiero, a editora britânica Liz Calder, todos atuaram ou atuam como agentes ou embaixadores culturais, tendo influência na divulgação da literatura brasileira no mundo de língua inglesa.

Érico Veríssimo trabalhou como professor de literatura brasileira na Universidade de Berkeley, ou seja, divulgava nossa literatura motivado por um compromisso profissional. Mas ele também publicou em 1945 a segunda história da literatura brasileira em inglês e despendeu tempo e esforços publicando textos e resenhas em jornais de grande circulação nos EUA. Nesses trabalhos, de acordo com Marly Tooge, ele procurava oferecer uma imagem do povo brasileiro que não fosse “hollywoodiana”, tentando apontar diferenças morais e religiosas entre os dois povos. Assim, seu posicionamento era moderado, não representando “nem uma reação anti-ianque, nem um americanismo exacerbado e desmedido” (TOOGE, 2009, p. 59). Observa-se, então, que inserido num projeto maior de aproximação política entre os povos estadunidense e brasileiro, Veríssimo seguia um projeto pessoal, que não necessariamente coincidia em tudo com o do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs. Essa possibilidade de uma motivação pessoal “embutida” em um projeto mais amplo acontece com frequência, e torna mais complexa a análise da atuação desses agentes culturais.

Nesse aspecto – projeto pessoal envolvido por um projeto maior, profissional, político e econômico – é relevante a atuação do casal de editores Blanche e Alfred Knopf, respectivamente vice-presidente e presidente da Alfred A. Knopf Publishers, fundada em 1915. Beneficiados tanto pela “Política da Boa Vizinhança” quanto pela “Aliança para o Progresso”, os editores fizeram viagens pela América Latina e criaram fortes laços no Brasil, tendo publicado autores como Jorge Amado, Guimarães Rosa, Gilberto Freyre e Graciliano Ramos, entre outros (TOOGE, 2009, p. 62). Além das ligações profissionais, criaram-se também laços de amizade, apesar das oscilações no interesse norte-americano pelo Brasil (TOOGE, 2009, p. 81-84).

Vemos, assim, que a *illusio*, o interesse de agentes individuais em determinados projetos, pode ter várias facetas, atingindo campos que vão desde o político e econômico e chegando até a amizade pessoal. Um exemplo cabal de como um tradutor pode ser um agente cultural movido por interesses que mal extrapolam o campo pessoal é Giovanni Pontiero, professor e tradutor escocês que se envolveu bastante com a

literatura brasileira. Em entrevista concedida no segundo semestre de 2013, Christopher MacLehose, proprietário da MacLehose Press e que antes trabalhou para diversas editoras britânicas, declarou:

Eu penso no caso de Saramago, que já havia sido publicado pela própria Liz [Calder] e depois foi recusado por ela, e recusado pela editora anterior, a maravilhosa Carcanet de Manchester. Então um tradutor, Giovanni Pontiero, veio até mim e disse: “Eu acho que esse livro de Saramago é tão bom que eu o traduzi”. Mas isso é muito raro, Pontiero era uma pessoa rara, ele era um acadêmico [...] E eu li o livro e disse “Giovanni, esse livro é extraordinário, mas não acho que ele vai vender muitos exemplares aqui”. “Bem”, disse ele, “então vou propor para outra pessoa”. E após seis meses eu telefonei para ele e disse: “Não consigo parar de pensar naquele livro, eu vou publicá-lo. Era *O ano da morte de Ricardo Reis*.” “Oh”, disse ele, “para mim é um grande alívio, porque ninguém mais quis publicá-lo”.¹¹

Pontiero, professor universitário e tradutor de origem escocesa com ascendência italiana, que viveu em João Pessoa, Paraíba, entre 1960 e 1962, ao que parece entrou em embates para ter obras brasileiras publicadas em inglês. Ele parecia dedicado a essa causa, embora tenha afirmado, em mais de uma passagem, que a tradução não lhe rendia nenhum benefício monetário (principalmente no início de suas atividades) e que ele se dedicava assim porque tinha a retaguarda de uma posição como professor universitário (PONTIERO, 1997b, p. 18; 20-21). Outra forma de Pontiero se dedicar à divulgação da literatura brasileira no Reino Unido era acompanhar autores em visitas para encontros

¹¹ “I think of the case of Saramago who had been published by Liz [Calder] herself, and then turned down by her, turned down by the previous publisher who was the wonderful Carcanet in Manchester, and a translator, Giovanni Pontiero came to me and said, “I think this book by Saramago is so good that I have translated it”, but that’s very rare, he was an academic [...]. And I read this book and I said, “Giovanni, this is an extraordinary book but I don’t think it will sell very many copies here.” “Well”, he said, “I will try someone else”. And after six months I rang him up and I said “I can’t take this book out of my head, I will publish it”. That was *The Year of the Death of Ricardo Reis*. “Oh”, he said, “that’s a great relief, nobody else wanted it” (MACLEHOSE, C. Londres, Reino Unido, 2 dez. 2013. Entrevista concedida a mim. Tradução minha).

acadêmicos e jornalísticos, atuando como mediador e intérprete, segundo MacLehose.¹²

No caso específico de Pontiero, verificamos que ele era mais levado por uma paixão pessoal do que por interesses econômicos. Ao longo dos anos, ele foi adquirindo capital simbólico e acadêmico/cultural, sempre alimentado por seu interesse, sua *illusio*, acreditando nas regras do jogo da divulgação da literatura brasileira no Reino Unido, mesmo “remando contra a maré”. Mais adiante voltaremos a mencioná-lo, quando tratarmos das fases da metamorfose de Clarice Lispector.

Encerrando esta seção sobre agentes individuais na divulgação da literatura brasileira no mundo de língua inglesa, vale mencionar, mesmo que de passagem, a editora Liz Calder, que foi, nos últimos anos, responsável pela maior parte dos livros brasileiros publicados em inglês. Com eventos como a FLIP (Festa Literária de Parati) e, desde 2013, a FLIPSIDE, “irmãzinha mais nova” da FLIP que acontece na Inglaterra, Calder tem agitado a cena literária e cultural brasileira e também estreitado laços entre escritores e editores brasileiros e britânicos.

Alguém poderia perguntar: por que uma editora de tanto sucesso comercial, responsável pela publicação da série *Harry Potter* publicaria obras brasileiras? Provavelmente a resposta está em uma preferência pessoal. Em várias entrevistas que concedeu, Calder declara sua simpatia pelo Brasil, onde ela morou por quatro anos durante a juventude (ver, por exemplo, JAGGI, 2005). Em entrevista realizada em sua residência em Saxmundham, em 21 de novembro de 2013, ela declarou, em termos bastante semelhantes ao da entrevista concedida a Jaggi, que, chegando ao Brasil, ela se encantou com a paisagem, as cores, a música, as pessoas. O conhecimento da literatura brasileira veio depois, quando ela voltou a visitar o Brasil, na década de 1990, e conheceu Luiz Schwarcz, editor da Companhia das Letras. O que se observa aí é uma convergência entre interesses e simpatias pessoais e investimentos econômicos/culturais. Duas vertentes de *illusio* se mesclam para a realização de um projeto de sucesso.

¹² MACLEHOSE, C. Londres, Reino Unido, 2 dez. 2013. Entrevista concedida a mim.

6 Uma iniciativa institucional

A mais importante e consistente iniciativa por parte do governo brasileiro para divulgar nossa literatura no exterior é, sem dúvida, o esforço orquestrado pela Fundação Biblioteca Nacional. São várias ações, e a que mais nos interessa aqui é a das bolsas de tradução: um apoio financeiro à publicação de obras brasileiras no exterior.

Na verdade, o programa existe desde o início dos anos 1990, mas ganhou novo alento recentemente. A “renovação” do projeto de apoio à tradução de obras brasileiras foi anunciada em 2011, pela então ministra da cultura Ana de Holanda. A previsão inicial era de que o projeto se estendesse por 10 anos; ele está aberto a editores interessados em publicar ou republicar traduções de livros brasileiros e se dirige especialmente a empresas que compraram os direitos de publicação de autores brasileiros.

Há outros incentivos oferecidos pela Fundação Biblioteca Nacional para estimular o interesse de leitores estrangeiros, como o patrocínio de “visitas” de autores brasileiros a diversos países e o programa de residência para tradutores estrangeiros no Brasil. A FBN também criou a *Revista Machado de Assis*, que funciona como uma vitrine de nossa literatura, trazendo excertos de obras clássicas e contemporâneas em inglês, espanhol e, em números especiais, em outras línguas, fomentando a circulação de nossa literatura em eventos como a Feira de Frankfurt (2013) e o Salão do Livro de Paris (2015). O Brasil nunca investiu tanto na difusão de sua cultura e literatura. No entanto, o programa ainda é incipiente, e resta saber se terá continuidade. A situação ideal seria ter um programa constante, como se observa em países como a Holanda, a Alemanha e a Espanha.

Tendo analisado várias instâncias de agenciamento no sentido de divulgar a literatura brasileira em outros países, passaremos agora às fases da metamorfose de Clarice Lispector em sua recepção no exterior.

7 Clarice, a escritora hermética

Em 1971, a editora Ática lançou uma antologia de prosa brasileira em que figura um conto de Clarice Lispector, “Amor”.¹³ Na apresentação

¹³ É uma pena não haver espaço aqui para uma descrição mais detalhada dessa antologia, que é escrita em duas línguas, mas não é exatamente bilingue. Os textos introdutórios e explicativos estão em inglês, mas os contos ou excertos de autores brasileiros estão todos em português.

de Clarice Lispector, os organizadores a caracterizam como escritora “difícil”, que nunca será “popular”:

Embora Clarice Lispector seja uma das autoras mais interessantes e singulares do Brasil atualmente, ela escreve para uma plateia limitada, e provavelmente não alcançará a popularidade de um Jorge Amado ou mesmo de um Guimarães Rosa. Ela é, no sentido geralmente aceito da palavra, uma escritora difícil (SCOTT-BUCCLEUCH; OLIVEIRA, 1971, p. 328).¹⁴

As previsões dos editores não se cumpriram. Depois de algumas décadas, Clarice passou a ser muito mais lida, alcançando uma posição praticamente igual à de Jorge Amado e Machado de Assis entre os mais lidos no mundo de língua inglesa. Apesar disso, não se pode negar que, mesmo no Brasil, uma aura de hermetismo envolveu e envolve Clarice. Contra essa aura, ela protestou muitas vezes.¹⁵

8 Clarice, a escritora feminista

O grande impulso na recepção de Clarice Lispector na França e depois em outros países da Europa aconteceu quando Hélène Cixous, feminista francesa, ao que parece se apaixonou perdidamente pelos textos da autora brasileira e escreveu obras sobre eles. Na opinião de Maria Marta Laus Pereira (1995), a recepção de Clarice na França foi fortemente determinada por um grupo de feministas, que dirigiam uma

¹⁴ “Although Clarice Lispector is one of the most interesting and individual authors writing in Brazil today she writes for a limited audience, and is unlikely to achieve the popularity of a Jorge Amado or even a Guimarães Rosa. She is, in the generally accepted sense of the word, a difficult writer” (Tradução minha).

¹⁵ Veja-se, por exemplo, sua última entrevista, concedida a Júlio Lerner no ano de sua morte, 1977, nos estúdios da TV Cultura: “um professor de português do Pedro II veio até minha casa e disse que leu [meu livro] quatro vezes e ainda não sabe do que se trata. No dia seguinte uma jovem de 17 anos, universitária, disse que esse é o livro de cabeceira dela. Quer dizer, não dá para entender” (LISPECTOR, [s.d.]). Veja-se também a crônica “Hermética?”, publicada no *Jornal do Brasil* e posteriormente em *A descoberta do mundo* (LISPECTOR, 1984, p. 76).

publicação e que acabaram “formatando” as obras da escritora num parâmetro igualmente feminista:

Quais os mediadores responsáveis pela descoberta póstuma da escritora brasileira pelos franceses? Três elementos destacam-se no contexto desta recepção: a Éditions de femmes, editora francesa que empreendeu a tradução da obra a partir de 1978 e publicou ensaios críticos sobre a mesma; a revista *Des femmes en mouvement* que, sob a influência de Maryvonne Lapouge e Clélia Piza, destacou-se na divulgação da tradução e de ensaios críticos; e, sem dúvida, muito contribuiu a intermediação de Hélène Cixous, escrevendo ensaios, orientando teses, participando de seminários. (PEREIRA, 1995, p. 120).

O prestígio acadêmico de Cixous, seu capital cultural e simbólico, aliado provavelmente a uma paixão pessoal, deram novo alento à recepção de Lispector na França e, a partir daí, ela passou a ser mais conhecida em toda a Europa. Clarice, nos países do Primeiro Mundo, passou a ser conhecida como uma escritora feminista. Pontiero, em 1991, se referiu a ela como “um *must* em todas as listas de leituras feministas” (PONTIERO, 1997b, p. 19).¹⁶

The stream of life, tradução de *Água viva* feita por Elizabeth Lowe e Earl Fitz¹⁷ e publicada em 1989, conta com um prefácio da feminista Cixous (BARBOSA, 1994a, p. 21), o que mostra a migração da imagem de Lispector como escritora feminista para o mundo de língua inglesa. Uma conjunção de fatores acabou caracterizando Clarice de uma forma diferente para os leitores estrangeiros.

Por outro lado, nem todos aprovam essa roupagem estrangeira de Clarice. Pereira (1995, p. 121) afirma que “Cixous deu a Lispector uma imagem filtrada, selecionada pelo seu temperamento e seu próprio sistema de valores”. A autora cita estudiosos como Carol Armsbruster e Mathieu Lindon que se opõem a essa “apropriação indevida” (PEREIRA, 1995, p. 121).

¹⁶ “[...] a must on all feminist reading list” (Tradução minha).

¹⁷ Tanto Lowe quanto Fitz são professores universitários dos EUA.

Elena Carrera (1999) também parece ter ressalvas quanto ao modo como Cixous lê e cita Clarice. A professora da Queen Mary University, de Londres, ressalta o aspecto pouco acadêmico da abordagem de Cixous e o fato de ela praticamente não citar diretamente os textos da brasileira (CARRERA, 1999, p. 91).

Se, por um lado, a *illusio* de Cixous e seu grupo desviou a imagem de Clarice para associá-la a uma motivação feminista, não restam dúvidas de que esse movimento trouxe mais leitores e mais prestígio para a autora no exterior. Não cabe aqui julgar a honestidade intelectual de Cixous, ou cogitar que ela tenha se apropriado indevidamente de Lispector. O que se observa é que, na passagem para o cenário internacional, a autora foi acolhida por um novo *habitus*, tendo tido necessariamente de se adaptar a ele e interagir com os elementos que faziam parte desse outro campo cultural. As obras de Lispector ganharam mais prestígio, mais capital cultural, projetando a escritora nos meios internacionais, e isso talvez tenha motivado a sua primeira biografia em inglês.

9 A polêmica das biografias: Clarice, uma escritora brasileira ou judia?

Em agosto de 2009, foi lançada uma biografia de Clarice Lispector em inglês, escrita por Benjamin Moser, que recebeu várias resenhas em publicações importantes dos EUA. No *website* do autor,¹⁸ há uma lista de mais de 20 resenhas, a maioria delas publicada nos meses de agosto e setembro, quando do lançamento da biografia. As resenhas mais longas resumem a própria história de Clarice narrada na biografia e trazem invariavelmente uma foto da autora, explorando o aspecto da sua elegância e beleza física. Além disso, as resenhas, em seus títulos ou subtítulos, trazem qualificativos como “untamed creature” (criatura indomada) (EBERSTADT, 2009) e “the Brazilian sphynx” (a esfinge brasileira) (MOORE, 2009). Afirma-se também nessas resenhas que o “mito da escritora assoma com a mesma intensidade que os muitos romances que ela escreveu” (GARNER, 2009).¹⁹ As resenhas, todas positivas, ainda insistem em quão desconhecida Clarice é do público anglófono, e como ela merece ser conhecida. Além disso, são frequentes comparações com Kafka, Tchekhov e Virginia Woolf.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.benmoser.com>>.

¹⁹ “Writer’s myth looms as the many novels she wrote” (Tradução minha).

Percebe-se que, para o lançamento da biografia de Moser, uma abrangente rede foi criada na imprensa escrita e digital, fazendo ampla divulgação da obra. Nota-se que a divulgação foi feita com grande profissionalismo, o que não causa surpresa, já que Benjamin Moser escreve para grandes meios de comunicação nacionais e internacionais, como a *Harpers Magazine* e o *New York Review of Books*, bem como para as nossas *Folha de S. Paulo* e *Revista Literatura*. No mesmo ano, a biografia foi lançada em português pela Cosac Naify e instaurou-se como uma concorrente da já clássica *Clarice, uma vida que se conta*, de Nádya Batella Gotlib.

Gotlib, a quem Moser (2009, p. 633) se refere como “a maior autoridade do Brasil em Clarice Lispector”, não parece ter contado com o mesmo aparato na divulgação de seu livro em suas diversas edições. Além disso, o fato de sua obra estar em português dificulta sua circulação fora do Brasil. As duas biografias têm pontos em comum que, segundo Benjamin Abdala Júnior (2010), vão além do fato de terem como tema a mesma pessoa. Abdala Júnior indica que a estruturação do texto, a organização dos capítulos e os próprios títulos da biografia de Moser são significativamente semelhantes aos da biografia de Gotlib (ABDALA JÚNIOR, 2010, p. 286-287). Mas há um diferencial.

A biografia de Moser (2009) tem como um de seus mais relevantes esteios a origem judaica de Clarice, e uma tragédia familiar que teria marcado toda a sua vida. Em 1920, ainda na Ucrânia, fugindo da perseguição aos judeus, durante um violento *pogrom* (segundo Moser, prática muito comum nessa época), a mãe de Clarice teria sido estuprada e contraído sífilis, doença que carregaria até a morte. Clarice, por sua vez, teria escrito em uma determinada crônica que, segundo “uma superstição bastante espalhada”, uma mulher poderia ser curada de uma doença se tivesse um filho. Clarice, nessa crônica, declara sentir-se culpada por não ter podido curar a mãe (LISPECTOR, 1984, p. 110-111; MOSER, 2009, p. 50).

A crônica, intitulada “Pertencer”, está longe de ser uma prova concreta da veracidade da suposta violência sofrida pela mãe de Clarice. Todos os outros elementos da hipótese de Moser (2009) se baseiam em suposições feitas por ele e em suas pesquisas realizadas sobre a época e lugar onde Clarice nasceu. Na 56^a. FLIPORTO, realizada em Olinda em homenagem a Clarice Lispector, no dia 15 de novembro de 2010, os dois biógrafos foram convidados a falar sobre o tema “Como se faz uma

biografia”, com a mediação de Mona Dorf. Nessa conversa, Gotlib disse discordar radicalmente da hipótese do estupro, e também não considerar que o judaísmo fosse uma questão essencial para Clarice que, por sinal, nunca mencionou isso. Mais ligadas ao judaísmo eram as irmãs da autora, também escritoras, nas quais Moser parece ter se baseado fortemente para construir sua hipótese sobre a influência do judaísmo na vida de Lispector e sobre o suposto estupro sofrido pela mãe (2010: BENJAMIN..., 2011).

Nesse debate, os dois biógrafos parecem estar convencidos de seus argumentos, e fica difícil dar razão a um ou outro. O mais provável é que pessoas que dividem o campo cultural onde Moser está inserido tendam a concordar com ele e aceitar suas razões. Por outro lado, outros agentes, do campo ao qual pertence Gotlib, um campo acadêmico, universitário, cujo *habitus* provavelmente é “torcer o nariz” para obras literárias que são grandes sucessos comerciais e duvidar da honestidade de projetos desse tipo, podem rejeitar a proposta de Moser. É o que se observa, por exemplo, no já referido texto do prof. Benjamin Abdala Júnior (2010), que atenta justamente para o grande ponto divergente das duas biografias, a questão do suposto estupro sofrido pela mãe de Clarice, tragédia que seria determinante na vida e na obra da autora. Ele examina as evidências oferecidas e conclui que “não há, pois, matéria documental que comprove que a mãe de Clarice foi estuprada. Nem que teria nessa ocasião contraído sífilis. Nem, ainda, que teria morrido por causa da sífilis” (ABDALA JÚNIOR, 2010, p. 291). A conclusão do autor é de que a insistência de Moser no tema do judaísmo de Clarice acaba relegando a literatura da autora a um segundo plano (ABDALA JÚNIOR, 2010, p. 292).

Segundo o pensamento produzido por um *habitus* rígido por um campo acadêmico, Benjamin Moser (2009) não conduziu corretamente a narrativa da vida de Clarice. Ele desviou do que era exatamente relevante para focar-se em uma hipótese que é difícil de provar (a do estupro), mas que, para o bem ou para o mal, apimenta a biografia, com cenas de violência e sofrimento. De fato, é inegável que elementos assim tendem a atrair muito a atenção do público em geral.

10 Retraduções das obras de Clarice: realmente necessárias?

No detalhado levantamento de obras brasileiras traduzidas para o inglês feito por Heloísa Barbosa e publicado em 1994, e mais tarde

ampliado pelo trabalho de Maria Lúcia Daflon Gomes (2005), podemos notar que as obras de Lispector foram amplamente republicadas, passando de uma editora para outra, de um país para outro, num fluxo que já indicava nas décadas finais do século XX uma internacionalização de sua literatura. Mas no século XXI se observa um fenômeno diferente: a substituição de traduções antigas por novas traduções.

Em 2011, uma nova tradução de *A hora da estrela* foi lançada, feita por Benjamin Moser. A tradução anterior, datada de 1986, é de Giovanni Pontiero. Em 2012 a editora New Directions publicou quatro obras de Clarice, três delas sendo retraduições: *Near to the wild heart*, tradução de *Perto do coração selvagem* de Alison Entrekin; *Água viva*, tradução de Stefan Tobler que mantém o título em português; *The passion according to G. H.*, tradução de Idra Novoy de *A paixão segundo G. H.*; e *The breath of life*, tradução feita por Johnny Lorenz de *Um sopro de vida*, obra que não havia sido publicada antes em inglês. Um agente central desse projeto é justamente o biógrafo de Lispector, Benjamin Moser, que trabalhou como editor de todos os quatro livros, traduziu *The hour of the star*, prefaciou *Água viva* e redigiu, em parceria com ninguém menos que Pedro Almodóvar, uma introdução a *The breath of life*. A introdução de *The passion according to G. H.* é assinada por Caetano Veloso.

Giovanni Pontiero foi considerado, enquanto viveu, o mais constante tradutor das obras de Lispector para o inglês. Além de *Perto do coração selvagem*, ele traduziu *Laços de família*, *A legião estrangeira*, *A descoberta do mundo* e as três obras infantis da autora, a saber: *A mulher que matou os peixes*, *A vida íntima de Laura* e *Quase de verdade*. Em suas palestras e depoimentos, o tradutor demonstrava estar atento às singularidades da obra de Lispector (PONTIERO, 1997a, p. 50). Pontiero era muito respeitado, tendo sido o tradutor “oficial” de José Saramago até sua morte em 1997.

Em 2015, a New Directions lançou, com edição novamente de Benjamin Moser, uma coleção de contos de Clarice, que totaliza 85 histórias. A tradução é de Katrina Dodson. A própria descrição do livro no *site* da Amazon remete à série editada por Moser, e afirma, de forma dúbia: “Agora, pela primeira vez em inglês, estão todas as histórias que a transformaram em uma lenda brasileira” (THE COMPLETE..., 2015).²⁰

²⁰ “Now, for the first time in English, are all the stories that made her a Brazilian legend” (Tradução minha).

Esse “primeira vez” é dúbio, pois podendo significar que nunca antes *todos* os contos de Clarice foram publicados em inglês, mas também pode dar a entender que seus contos não tinham sido traduzidos, o que não corresponde à verdade, porque dois livros de contos da autora foram traduzidos anteriormente, *A legião estrangeira* e *Laços de família*, ambos por Giovanni Pontiero.

A insistência na menção ao nome de Pontiero neste estudo se dá justamente por um tipo de mensagem questionável que circula em torno das obras publicadas. Em entrevista concedida a Tatiany Leite, Moser declara que a tradução anterior de *A hora da estrela* é muito ruim. Não cabe aqui um cotejo entre as traduções. Não haveria espaço para isso. Mas é importante observar que, para o projeto maior de Moser com a obra de Clarice, as retraduações se fizeram necessárias.

Acompanhando todo o processo, desde a publicação da biografia *Why this world* em 2009, seguida da publicação de *The hour of the star* em 2011, da publicação das quatro obras em 2012 e depois da publicação dos contos completos em 2015, podemos observar uma divulgação muito bem articulada da obra de Clarice e do próprio editor Benjamin Moser, que é um profissional moderno e está talhado para realizar a promoção da obra e da *persona* da autora no exterior.

Moser é jovem, bem-apegoado, se comunica muito bem em várias línguas, e está disposto a circular pelo mundo divulgando seu projeto. Na entrevista mencionada acima, ele mesmo explica como cada passo de seu projeto está interligado com os outros.

Esse projeto que estou fazendo de retraduação, a gente está construindo nessa base que eu fiz com a biografia, que já foi muito lida e muito resenhada e houve muito interesse em torno dessa pessoa que teve uma vida muito fascinante. Além da literatura dela, a vida dela é uma vida muito interessante. Mas os livros não estavam muito disponíveis. Então, estou conseguindo tomar o próximo passo. Agora as pessoas sabem quem é Clarice. Agora, eu espero pelo menos, as pessoas vão ler Clarice (MOSER, 2011, transcrição minha).

Além disso, podemos observar que a hipótese do estupro é de fundamental importância para todo o projeto. Ela atrai leitores que não

conhecem Clarice, leitores estadunidenses a quem a causa judaica é tão cara.²¹ E Moser também trata esse assunto como fulcral em suas aparições e entrevistas: “a primeira coisa que foi muito controversial (*sic*) foi que eu fui a primeira pessoa a contar o que aconteceu com a mãe da Clarice na Ucrânia. Uma coisa que era muito escondida na família. Que ela foi estuprada nos *pogroms* na Ucrânia [...]” (MOSER, 2011, transcrição minha).

No debate referido anteriormente, que ocorreu na FLIPORTO, em Olinda, em 2010, quando Benjamin Moser e Nádya Gotlib foram convidados pela moderadora a ler um trecho de sua biografia, cada biógrafo teve uma atitude, de acordo com seu próprio projeto. Gotlib leu a introdução de seu livro, em que ela apresenta várias definições de Clarice feitas por diversas pessoas (GOTLIB, 2009, p. 21-24). Benjamin Moser, por sua vez, leu não um texto escrito por ele, mas um parecer da Cruz Vermelha russa que descreve os *pogroms* ocorridos na região em que Clarice nasceu na época do nascimento dela (MOSER, 2009, p. 45-46).

Ou seja, cada biógrafo tem um projeto diferente, regido pelo *habitus* que impera em seu campo de ação. Moser é um verdadeiro agente, um embaixador da obra de Clarice na esfera internacional, e tem todo o capital simbólico necessário para isso. Ele traz uma dimensão *performática* ao projeto com sua presença constante na mídia e em ambientes editoriais e universitários. Ele se comunica com editores e outros profissionais de lugares distantes, e é efetivo na disseminação de Clarice nesses locais também:

Pelo que eu soube hoje [...] graças a essa tradução de *A hora da estrela*, que ficou muito boa – eu tenho muito orgulho da tradução –, a Clarice vai ser publicada na China [...] alguém leu minha tradução, um editor, na China, e *A hora da estrela* vai ser publicada na China [...] Não é ótimo?

[...] um chinês pôde ler em inglês, porque é a língua que todo mundo sabe ler mais ou menos... e eu estava na Letônia outro dia, e falando com um linguista letão, e eu dei

²¹ Basta lembrar o número de filmes sobre o holocausto produzidos pela indústria de Hollywood.

um livro meu pra ele, e ele ficou fascinado e vai procurar tradutores para o letão [...] sou muito propagandístico [...], porque eu acho que se a gente não fizer isso, aí a obra fica morrendo... (MOSER, 2011, transcrição minha).

Moser também trabalhou com afinco na divulgação de sua biografia no Brasil, que aconteceu no mesmo ano de 2009. Ele declara na entrevista ter percorrido a maioria das capitais brasileiras nesse trabalho de divulgação.

Concluindo, Moser mostra ser o profissional certo para a divulgação de Clarice no exterior, tendo alçado a autora a um nível de recepção que ela nunca atingira antes. O julgamento da propriedade do pivô do seu projeto, a hipótese do estupro da mãe de Clarice, vai depender do campo em que o juiz estiver inserido e do *habitus* que rege esse campo.

11. Observações finais

A principal conclusão a que se chega após essa apresentação de vários esforços de divulgação da literatura brasileira no exterior é de que esses processos são mais complexos do que se poderia julgar à primeira vista, e exigem o investimento de tempo, recursos financeiros, capital simbólico e empenho pessoal. Muitas vezes os agenciamentos se mostram híbridos, contando com vários tipos de *illusio* ao mesmo tempo, abrangendo tanto interesses profissionais, econômicos e políticos quanto paixões pessoais. Quanto mais se estudarem esses mecanismos e esses projetos, mais bem preparados serão os projetos futuros.

Referências

2010: BENJAMIN Moser e Nádía Battella Gotlib com Mona Dorf, na Fliporto 2010. Youtube, 1 abr. 2011. Vídeo. [Debate realizado em 15 nov. 2010, com a participação de Benjamin Moser e Nádía Batella Gotlib, e mediado por Mona Dorf. 56. Festa Literária Internacional, Olinda]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yFFiA15CC-8>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

ABDALA JUNIOR, B. Biografia de Clarice, por Benjamin Moser: coincidências e equívocos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 70, p. 285-292, 2010.

BARBOSA, H. G. Appendix. In: _____. *The virtual image: Brazilian literature in English translation*. 1994. Tese (Doutorado) – Centre for British Comparative Cultural Studies, University of Warwick, Coventry, 1994a. p. 1-42.

BARBOSA, H. G. *The virtual image: Brazilian literature in English translation*. 1994. Tese (Doutorado) – Centre for British Comparative Cultural Studies, University of Warwick, Coventry, 1994b.

BASSNETT, S. *Translation Studies*. 3rd ed. rev. London, New York: Routledge, 2002. (New Accents).

BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. Introduction: Proust's grandmother and the *Thousand and one nights*. The 'cultural turn' in Translation Studies. In: _____ (Ed.). *Translation, history and culture*. London: Cassell, 1990. p. 1-13.

BOURDIEU, P. *In other words*. Tradução de Matthew Adamson. Stanford: Stanford University Press, 1990.

BOURDIEU, P. *In other words*. Tradução de Matthew Adamson. Stanford: Stanford University Press, 1990 *apud* SWARTZ, D. *Culture & power, the sociology of Pierre Bourdieu*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1997.

CARRERA, E. The reception of Clarice Lispector via Hélène Cixous: reading from the whale's belly. In: OLIVEIRA, S. L.; STILL, J. (Ed.). *Brazilian feminisms*. Nottingham: University of Nottingham Monographs in the Humanities, 1999. p. 85-100. Disponível em <<https://core.ac.uk/download/files/73/17537.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

EBERSTADT, F. Untamed creature. *New York Times*, Sunday Book Review, 19 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2009/08/23/books/review/Eberstadt-t.html?ref=books>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

GARNER, W. Writer's myth looms as large as the many novels she wrote. *New York Times*, Books, 11 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2009/08/12/books/12garner.html?pagewanted=all>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

GENZTLER, E. Introduction. In: _____. *Contemporary translation theories*. 2nd ed. rev. Clevedon: Multilingual Matters, 2001. (Topics in Translation).

GOMES, M. L. S. *Identidades refletidas: um estudo sobre a imagem da literatura brasileira construída por tradução*. 2005. 166 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

GOTLIB, N. B. *Clarice, uma vida que se conta*. 6. ed. rev. aum. São Paulo: EDUSP, 2009.

GOUANVIC, J. M. A Bourdieusian theory of translation, or the coincidence of practical instances. Field, “habitus”, capital and “illusio”. *The Translator*, Manchester, v. 11. n. 2, p. 147-166, 2005. Special Issue – Bourdieu and the sociology of translation and interpreting.

INGHILLERI, M. The sociology of Bourdieu and the construction of the “object” in Translation and Interpretation Studies. *The Translator*, Manchester, v. 11. n. 2, p. 125-145, 2005. Special Issue – Bourdieu and the sociology of translation and interpreting.

JAGGI, M. Wizard talent. *The Guardian*, London, 2 jun. 2005. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/books/2005/jul/02/featuresreviews.guardianreview16>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. São Paulo: Rocco, 1984.

LISPECTOR, C. A última entrevista de Clarice Lispector. *Revista Bula*, [s.d.]. Entrevistas. Entrevista concedida a Júlio Lerner em 1 fev. 1977. Transcrição de Carlos Willian Leite. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/503-a-ultima-entrevista-de-clarice-lispector/>>. Acesso em: 28 fev. 2016. [A entrevista também está disponível no Youtube em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>>. Acesso em: 13 fev. 2016].

LISPECTOR, Clarice. *The complete stories*. Editado por Benjamin Moser. Tradução de Katrina Dodson. New York: New Directions, 2015.

MOORE, L. The Brazilian sphynx. *The New York Review of Books*, New York, 24 set. 2009. Disponível em: <<http://www.nybooks.com/articles/2009/09/24/the-brazilian-sphinx/>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

MOSER, B. *Clarice*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MOSER, B. Entrevista exclusiva com Benjamin Moser. Vimeo, 12 set, 2011. Vídeo. Entrevista concedida a Tatiany Leite em 2010. Disponível em: <<https://vimeo.com/33553310>>. Acesso em: 29 fev. 2016.

PEREIRA, M. M. L. Aspectos da recepção de Clarice Lispector na França. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 3, p. 109-125, 1995.

PONTIERO, G. Luso-Brazilian voices: anyone care to listen? In: ORERO, P.; SAGER, J. (Ed.). *The translator's dialogue*: Giovanni Pontiero. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997a. p. 49-55.

PONTIERO, G. The risks and rewards of the literary translator. In: ORERO, P.; SAGER, J. (Ed.). *The translator's dialogue*: Giovanni Pontiero. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997b. p. 21-32.

SCOTT-BUCCLEUCH; R. L.; OLIVEIRA, M. T. (Ed.). *An anthology of Brazilian prose: from the beginnings to the present day*. São Paulo: Ática, 1971.

SIMEONI, D. The pivotal status of the translator's habitus. *Target – International Journal of Translation Studies*, Amsterdam, v. 10, n. 1, p. 1-39, 1998.

SWARTZ, D. *Culture & power, the sociology of Pierre Bourdieu*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1997.

THE COMPLETE stories. Amazon, 31 July 2015. Disponível em: <http://www.amazon.com/Complete-Stories-Clarice-Lispector/dp/0811219631/ref=tmm_hrd_swatch_0?_encoding=UTF8&qid=1456350666&sr=8-3>. Acesso em: 24 fev. 2016.

TOOGE, M. *Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado*. 2009. 189 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1995.

TYMOCZKO, M. A postpositivist history of Translation Studies. In: _____. *Enlarging translations, empowering translators*. Manchester: St. Jerome, 2007. p. 15-53.